

Autora das séries SLAMMED e HOPELESS

Colleen Hoover
Tarryn Fisher

NUNCA



parte dois

JAMAIS



Galera

Obras da autora publicadas pela Galera Record

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

Série Nunca jamais

Nunca jamais

Nunca jamais – parte dois

O lado feio do amor

Talvez um dia

Novembro, 9

Colleen Hoover
Tarryn Fisher

NUNCA JAMAIS

parte dois

Tradução de
PRISCILA CATÃO

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen

H759n Nunca jamais [recurso eletrônico] : parte dois / Colleen Hoover, Tarryn Fisher; tradução Priscila Catão. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2017.

recurso digital (Nunca jamais; 2)

Tradução de: Never never: part two

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-85-01-11027-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção juvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Fisher, Tarryn. II. Catão, Priscila. III. Título IV. Série.

17-39542

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:

Never never: part two

Copyright © 2015 by Colleen Hoover and Tarryn Fisher

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11027-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Este livro é para todos vocês que amam finais felizes e que me perdoaram pelo fim da parte um. Foi culpa da Tarryn.

— Colleen Hoover

Este livro é para todos que acham que finais felizes e Pepsi Diet são coisas ridículas.

— Tarryn Fisher

Sumário

1 | Silas

2 | Silas

3 | Charlie

4 | Silas

5 | Charlie

6 | Silas

7 | Charlie

8 | Silas

9 | Silas

10 | Charlie

11 | Silas

12 | Charlie

13 | Silas

14 | Charlie

15 | Silas

16 | Charlie

17 | Silas

18 | Charlie



Silas

Começa lentamente.

A chuva.

Um respingo aqui, um borrifo ali. Primeiro no para-brisa na minha frente e depois nas janelas ao meu redor. As gotas começam a fazer o barulho de milhares de dedos tamborilando no teto do meu carro, mas não em unísono. *Tap-tá-tap-tap-tá-tá-tap-tap-tap*. O barulho passa a me cercar completamente. Parece vir de dentro de mim, tentando sair. A chuva começa a escorrer pelo vidro, grossa o bastante para formar rastros compridos parecidos com lágrimas. Elas deslizam até a base e desaparecem em algum local além do que vejo. Tento acionar os limpadores, mas meu carro está desligado.

Por que meu carro não está ligado?

Limpo o vidro embaçado com a palma da mão para poder enxergar o lado de fora, mas a chuva está tão forte que não consigo ver nada.

Onde estou?

Eu me viro e olho para o banco de trás, mas não tem ninguém ali. Não tem nada ali. Depois me volto para a frente.

Pense, pense, pense.

Para onde eu estava indo? Devo ter cochilado.

Não sei onde eu estou.

Não sei onde “eu” estou.

Eu... eu... eu...

Quem sou eu?

Parece tão natural ter pensamentos com a palavra *eu*. Mas todos os meus pensamentos são ocos e leves, porque a palavra “eu” não está associada a ninguém. A nenhum nome, a nenhum rosto. Eu sou... *nada*.

O zumbido de um motor chama minha atenção enquanto um carro desacelera perto do meu na rua. A água respinga no para-brisa quando o veículo passa. Observo os faróis traseiros enquanto o carro continua diminuindo a velocidade e, por fim, para na frente do meu.

Luzes de marcha a ré.

Meu coração acelera e vai parar na boca, nas pontas dos meus dedos, nas têmporas. As luzes em cima do carro são acesas. *Vermelho, azul, vermelho, azul*. Vejo alguém sair do veículo. Tudo o que consigo distinguir é a silhueta da pessoa que começa a se aproximar do meu carro. Enquanto ela segue até a porta do carona, mal mexo o pescoço e mantenho o olhar fixo no dela, que vem se aproximando da janela.

Uma batida.

Toc, toc, toc.

Aperto o botão para baixar as janelas... *Como é que eu sabia fazer isso?* Abro a janela.

Um policial.

Socorro, quero dizer.

Esqueci para onde eu estava indo, quero dizer.

— Silas?

Sua voz me assusta. É alta. Grita a palavra *Silas* para tentar competir com o barulho da chuva.

O que isso significa? *Silas*. Talvez ele seja francês. Talvez eu esteja na França e Silas seja um cumprimento. Talvez eu devesse responder *Silas* também.

O homem pigarreia e diz:

— Seu carro quebrou?

Ele não é francês.

Olho para o painel de controle. Forço meus lábios a se separarem para que formem alguma palavra. Em vez disso, arquejo. Eu não tinha percebido que estava prendendo a respiração. Quando solto o ar dos pulmões, sai um som entrecortado... constrangedor. Olho para o policial parado do lado de fora da janela.

— Não — respondo.

Minha voz me assusta. Não a reconheço.

O policial se inclina e aponta para o meu colo.

— O que é isso aí? — pergunta ele. — Direções para algum lugar? Está perdido?

Olho para a pilha de papéis nada familiar em meu colo. Empurro-a para o banco do carona, querendo tirá-la de cima de mim, e balanço a cabeça mais uma vez.

— Eu, hum, estava apenas...

Minhas palavras são interrompidas por um toque. Um toque alto, vindo de dentro do carro. Sigo o barulho,

remexendo os papéis no banco até encontrar um celular embaixo. Confiro o identificador de chamadas. *Janette*.

Não conheço nenhuma Janette.

— Precisa sair do acostamento, rapaz — diz o policial, se afastando. Aperto um botão na lateral do celular para colocá-lo no silencioso. — Siga seu caminho e volte para o colégio. Hoje à noite tem um jogo e tanto.

Jogo e tanto. Colégio.

Por que nada disso me parece familiar?

Assinto.

— A chuva deve diminuir logo, logo — acrescenta ele. Depois dá um tapa no teto do meu carro, como se estivesse me dispensando. Balanço a cabeça mais uma vez e aperto o botão que controla as janelas. — Peça para seu pai guardar um lugar para mim esta noite.

Concordo com a cabeça de novo. *Meu pai.*

O policial fica me encarando por mais alguns segundos, com um olhar de curiosidade. Finalmente, balança a cabeça e começa a voltar para a viatura.

Olho para o meu telefone. Quando estou prestes a apertar um botão, o aparelho começa a tocar de novo.

Janette.

Quem quer que seja Janette, ela está louca para que alguém atenda este celular. Deslizo o dedo pela tela e a levo ao ouvido.

— Alô?

— Encontrou ela? — Não reconheço a voz no telefone. aguardo alguns segundos antes de responder, na esperança de

me lembrar de algo. — Silas? Alô?

Ela acabou de dizer a mesma palavra que o policial. *Silas*. Mas ela falou como se fosse um nome.

Meu nome?

— O quê? — digo ao telefone, me sentindo confuso com relação a tudo.

— Encontrou ela? — Sua voz está em pânico. *Encontrei ela?* E quem é que eu deveria estar procurando? Eu me viro e confiro novamente o banco de trás, apesar de saber que não tem ninguém no carro comigo. Eu me volto para a frente, sem saber como responder à pergunta que ela acabou de me fazer.

— Se a encontrei? — pergunto, repetindo a questão. — Eu... *voce* a encontrou?

Janette resmunga.

— Por que eu estaria ligando pra você se tivesse a encontrado?

Afasto o celular do ouvido e olho para o aparelho. Estou tão confuso... Coloco-o de volta na orelha.

— Não — digo. — Não a encontrei.

Talvez essa garota seja minha irmã mais nova. Ela parece jovem. Mais do que eu. Será que ela perdeu a cachorrinha e eu saí por aí à procura do animal? Talvez meu carro tenha deslizado por causa da chuva e acabei batendo a cabeça.

— Silas, ela não é de fazer isso — diz Janette. — Teria me dito se não fosse voltar pra casa ou se não fosse para o colégio hoje.

OK, pelo jeito não estamos falando de nenhuma cachorrinha. E o fato de que tenho certeza absoluta de que estamos falando de uma pessoa que aparentemente está desaparecida me deixa muito inquieto, pois neste momento nem sei direito quem sou. Preciso desligar antes que diga algo errado. Algo que me incrimine.

— Janette, preciso desligar. Vou continuar procurando.

Encerro a ligação e largo o celular no banco ao lado. Os papéis que estavam em meu colo chamam minha atenção. Estendo o braço para pegá-los. As páginas estão grampeadas, então começo pela primeira. É uma carta, endereçada a mim e a algum outro cara chamado Charlie.

Charlie e Silas,

Se não sabem por que estão lendo isso, é porque se esqueceram de tudo.

Hein? A primeira frase não é o que eu estava esperando ler. Na verdade, não sei o que eu estava esperando.

Não reconhecem ninguém, nem mesmo vocês próprios. Por favor, não entrem em pânico e leiam a carta toda.

É um pouco tarde para a parte do *não entrem em pânico*.

Não temos certeza do que aconteceu, mas estamos com medo de que aconteça de novo se não escrevermos. Pelo menos com tudo escrito e deixado em mais de um lugar, estaremos mais preparados se acontecer de novo.

Nas páginas seguintes, vocês vão encontrar todas as informações que temos. Talvez ajude de alguma maneira.

— *Charlie e Silas*

Não viro a página imediatamente. Largo as folhas no colo e levo as mãos ao rosto. Esfrego-as para cima e para baixo repetidamente. Dou uma espiada no retrovisor e desvio o olhar imediatamente quando não reconheço os olhos que me encaram de volta.

Isso não pode estar acontecendo.

Fecho os olhos com força e levo os dedos até a ponte do nariz. Fico esperando eu mesmo acordar. Isso é um sonho e preciso acordar.

Um carro passa, e mais água respinga em meu para-brisa. Fico observando-a escorrer e desaparecer embaixo do capô.

Não posso estar sonhando. Tudo está nítido demais, detalhado demais para ser um sonho. Sonhos são borrados e não fluem de um momento para outro como tudo o que está acontecendo.

Pego as páginas de novo, e cada frase se torna mais difícil de ler do que a anterior. Minhas mãos ficam cada vez mais trêmulas. Minha mente está um turbilhão enquanto examino a folha seguinte. Descubro que me chamo mesmo Silas e que Charlie, na verdade, é o nome de uma garota. Será que ela é que está desaparecida? Continuo lendo, apesar de não conseguir deixar a incredulidade de lado e aceitar as palavras à minha frente. E não sei por que não me permito acreditar nelas, pois tudo que estou lendo certamente coincide com o fato de eu não me lembrar de nada daquilo. É que abandonar a incredulidade seria o mesmo que admitir que isto é possível. Que, de acordo com o que estou lendo, acabei de perder a memória pela quarta vez.

Minha respiração está quase tão irregular quanto a chuva que cai no teto do meu carro. Levo a mão esquerda até a nuca e a aperto enquanto leio o último parágrafo, que, aparentemente, escrevi dez minutos atrás.

Charlie entrou num táxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguém a viu desde então. Ela não sabe sobre esta carta. Encontre-a. A primeira coisa que você precisa fazer é encontrá-la. Por favor.

As últimas palavras da carta estão rabiscadas, quase ilegíveis, como se meu tempo estivesse acabando enquanto as escrevia. Deixo a carta no banco, pensando em tudo que acabei de descobrir. A informação faz minha mente disparar com mais rapidez do que meu coração. Sinto um ataque de pânico se aproximando, ou talvez um ataque de nervos. Agarro o volante, me forço a inspirar e expirar pelo nariz. Não faço ideia de como sei que isso acalma. A princípio, não parece funcionar, mas fico parado assim por vários minutos, pensando em tudo que acabei de descobrir. *Bourbon Street, Charlie, meu irmão, a menina camarão, a leitura de tarô, as tatuagens, meu amor por fotografia.* Por que nada disso me parece familiar? Só pode ser uma brincadeira. Essas informações devem ser sobre outra pessoa. Não posso ser Silas. Se eu fosse, *sentiria* que sou ele. Não teria a sensação de estar completamente separado da pessoa que supostamente sou.

Pego o celular de novo e abro o aplicativo da câmera. Eu me inclino para a frente e estendo o braço para trás, puxando a camisa por cima da cabeça. Seguro o celular por trás e tiro uma foto das minhas costas, depois coloco a camisa no lugar e confiro o telefone.

Pérolas.

Há um colar de pérolas tatuado nas minhas costas, assim como dizia na carta.

— Merda — sussurro, encarando a foto.

Meu estômago. Acho que vou...

Abro a porta do carro bem na hora. O que quer que eu tenha comido no café da manhã vai parar no chão, perto dos meus pés. Minhas roupas estão ficando encharcadas enquanto

continuo ali, esperando vomitar mais uma vez. Quando acho que o pior já passou, volto para dentro do carro.

Olho para o relógio, que indica que são 11:11.

Ainda não sei no que acreditar, porém, quanto mais o tempo passa, sem que eu me lembre de nada, mais começo a considerar que talvez eu realmente tenha apenas pouco mais de quarenta e sete horas antes que essa situação se repita.

Estendo o braço por cima do banco do carona e abro o porta-luvas. Não sei o que estou procurando, mas ficar parado aqui sem fazer nada parece perda de tempo. Tiro o que tem ali dentro, deixando de lado os documentos do veículo e do seguro. Encontro um envelope com nossos nomes escritos. *Uma cópia de tudo que acabei de ler.* Continuo folheando os papéis até uma folha dobrada bem no fundo do porta-luvas chamar minha atenção. Tem o meu nome escrito. Abro e a primeira coisa que leio é a assinatura embaixo. É uma carta de Charlie. Volto para o topo da página e começo a ler.

Querido Silas,

Esta não é uma carta de amor, tá? Por mais que você tente se convencer disso, não é verdade. Porque não sou esse tipo de garota. Odeio essas garotas, sempre tão melosas e nojentas. Eca.

Enfim, esta é uma carta de não amor. Por exemplo, não amo a maneira em que você trouxe suco de laranja e remédio pra mim na semana passada, quando eu estava doente. E que cartão era aquele, hein? Você me ama e espera que eu melhore logo? Aff.

E definitivamente não amo o fato de que você finge que sabe dançar, sendo que na verdade você fica parecendo um robô com defeito. Não é bonitinho e de jeito nenhum me faz rir.

Ah, e quando você me beija e se afasta para me dizer que sou linda? Não gosto mesmo disso. Por que você não pode ser como os outros caras, que ignoram as namoradas? É muito injusto eu ter que lidar com isso.

E, por falar em como faz tudo errado, lembra quando machuquei as costas durante o treino para líder de torcida? E você faltou a festa de David para passar pomada nas minhas costas e assistiu a Uma Linda Mulher comigo? Foi um sinal evidente de como você pode ser carente e egoísta. Como se atreve a fazer isso, Silas?!

Também não vou mais tolerar as coisas que você diz sobre mim quando estamos com nossos amigos. No dia em que Abby zombou da minha roupa, e você disse a ela que até um saco de lixo fica parecendo alta-costura em mim, não teve cabimento. E foi pior ainda quando você levou Janette ao oftalmologista porque ela estava sempre com dor de cabeça. Você precisa se dar conta de que toda essa atenção e consideração não é nada atraente.

Então estou aqui para dizer que certamente não amo você mais do que qualquer outro ser humano neste planeta. E que não sinto nenhum frio na barriga toda vez que você chega, e sim um calor infernal. Sendo que você é muito, muito feio. Estremeço toda vez que vejo sua pele perfeita e penso: meu Deus, este garoto seria tão mais bonito se tivesse algumas espinhas e dentes tortos. Pois é, você é um nojo, Silas.

Não estou apaixonada.

Não mesmo.

Nunca, jamais.

Charlie

Fico encarando a maneira como ela se despediu e leio as palavras mais algumas vezes.

Não estou apaixonada.

Não mesmo.

Nunca, jamais.

Charlie

Viro o bilhete, esperando ver alguma data. Não há nada que indique quando foi escrito. Se essa garota me escrevia cartas assim, então como é que pode ser verdade tudo que acabei de ler nas minhas anotações sobre a atual fase do nosso namoro? É óbvio que estou apaixonado por ela. Ou pelo menos *estava*.

O que aconteceu com a gente?

O que aconteceu com *ela*?

Dobro a carta e a guardo de volta onde encontrei. O primeiro lugar para onde vou é o endereço da casa de Charlie listado no papel. Se eu não a encontrar lá, talvez consiga mais informações com sua mãe, ou com qualquer coisa que eu puder achar e que a gente não tenha percebido antes.

O portão da garagem está fechado quando paro o carro na entrada da casa. Não tenho como saber se há alguém lá dentro. O local está bagunçado. A lixeira de alguém está revirada perto do meio-fio, com o lixo esparramado pela rua. Tem um gato arranhando o saco de lixo. Quando desço do carro, o animal sai apressado pela rua. Dou uma olhada ao redor enquanto vou até a porta da casa. Não tem ninguém por perto, e todas as janelas e portas dos vizinhos estão fechadas. Bato várias vezes, mas ninguém atende.

Olho ao redor pela última vez antes de virar a maçaneta. *Destrancada*. Abro a porta sem fazer barulho.

Nas cartas que escrevemos para nós mesmos, mencionamos o sótão de Charlie algumas vezes, por isso esse é o primeiro lugar que procuro. *O sótão de Charlie*. Vou conhecer o sótão antes de conhecer a garota. Uma das portas do corredor está aberta. Entro e encontro o quarto vazio. Duas camas... deve ser onde Charlie e a irmã dormem.

Eu me aproximo do armário e olho para o teto, encontrando a entrada para o sótão. Afasto algumas roupas para o lado, e um cheiro invade minhas narinas. É o cheiro dela? Floral. É familiar, mas isso é loucura, não é? Se não me lembro dela, não tenho como me lembrar do cheiro dela. Uso as prateleiras do armário como escada e subo.

A única luz dentro do sótão vem da janela que fica do outro lado. É o suficiente para iluminar o caminho, mas não muito, então pego o celular e ligo a lanterna.

Paro e fico encarando o meu celular. *Como eu sabia que tinha isso aqui?* Eu queria entender por que nos lembramos de algumas coisas e de outras, não. Tento encontrar alguma conexão entre as memórias, mas não consigo pensar em absolutamente nada.

Preciso me curvar porque o teto é baixo demais para que eu fique com as costas eretas. Sigo pelo sótão, indo até uma área de descanso improvisada do lado oposto. Há uma pilha de cobertores com travesseiros em cima.

Ela realmente dorme aqui?

Estremeço quando tento imaginar como alguém passa voluntariamente o tempo num lugar tão isolado. Deve ser bem na dela.

Preciso baixar mais para não bater a cabeça nas vigas. Quando chego à área que ela arrumou para si mesma, dou uma olhada ao redor. Há pilhas de livros ao lado dos travesseiros. Alguns livros ela usa como mesa, com porta-retratos em cima.

Dúzias de livros. Eu me pergunto se ela leu todos, ou se precisa deles apenas por uma questão de conforto. Talvez os use para escapar da vida real. Considerando este lugar, não a julgo.

Eu me inclino para baixo e pego um. A capa é escura, e tem uma casa e uma garota que se fundem formando uma única imagem. É assustador. Não consigo me imaginar sentado aqui sozinho, lendo livros como esse no escuro.

Coloco-o de volta onde o encontrei, e um baú de cedro encostado na parede chama minha atenção. Parece pesado e velho, como se fosse algo passado de uma geração a outra na família. Eu me aproximo e abro a tampa. Lá dentro, há vários livros, todos de capa branca. Pego o que está em cima e o abro.

7 de janeiro — 15 de julho de 2011

Folheio as páginas e percebo que é um diário. Na caixa debaixo desta, tem pelo menos mais cinco.

Ela deve adorar escrever.

Observo tudo ao redor, erguendo travesseiros e cobertores, à procura de algum lugar onde possa colocar os diários. Se quero encontrar esta garota, preciso saber quais lugares ela frequenta. Onde ela estaria, pessoas que pode conhecer. Diários oferecem a maneira perfeita de descobrir esse tipo de informação.

Encontro no chão, a alguns metros de distância, uma mochila vazia e surrada, então a pego e guardo todos os diários dentro. Começo a empurrar coisas para o lado, sacudindo livros, em busca de algo ou de tudo que possa me ajudar. Encontro várias cartas em diversos lugares, algumas pilhas de fotos, post-its aleatórios. Coloco tudo o que cabe dentro da mochila e volto para a entrada do sótão. Sei que também tem algumas coisas no quarto da minha casa, então é para lá que vou em seguida para investigar tudo o mais rápido que posso.

Quando chego na entrada, largo a mochila no buraco do sótão. A bolsa cai no chão com um baque ruidoso, e estremeço, sabendo que deveria ser mais silencioso. Começo a descer as prateleiras, uma por uma, tentando imaginar Charlie subindo e descendo esta escada improvisada toda noite. Se foge para o sótão por escolha própria, ela deve ter uma vida péssima.

Quando chego ao chão, pego a mochila e me empertigo. Coloco-a no ombro e sigo na direção da porta.

Fico paralisado.

Não sei o que fazer, pois o policial que bateu na janela do meu carro mais cedo está me encarando.

Será que estar na casa da minha namorada é ilegal?

Uma mulher aparece na porta, atrás do policial. Está com o olhar frenético e o rímel manchado, como se tivesse acabado de acordar. Seu cabelo está bagunçado, e mesmo a vários metros de distância o cheiro de álcool atravessa o quarto.

— Falei que ele estava lá em cima! — grita ela, apontando para mim. — Esta manhã mesmo avisei que ele devia ficar longe daqui, e ele voltou!

Esta manhã?

Ótimo. Eu devia ter informado esse fato para mim mesmo na carta.

— Silas — diz o policial. — Pode me acompanhar até lá fora?

Assinto e me aproximo com cautela dos dois. Não parece que fiz algo errado, porque o policial só pediu para conversar comigo. Se eu tivesse feito alguma coisa errada, ele teria me dado voz de prisão na mesma hora.

— Ele sabe que não devia estar aqui, Grant! — berra a mulher, retornando para o corredor e seguindo na direção da sala. — Ele sabe disso, mas continua voltando aqui! Só está querendo me irritar!

Esta mulher me odeia. Muito. E, como não sei o motivo, fica difícil me desculpar pelo que quer que eu tenha feito.

— Laura — diz ele. — Vou conversar com Silas lá fora, mas você precisa se acalmar e se afastar para que eu possa fazer isso.

Ela chega para o lado e me fulmina com o olhar assim que passamos por ela.

— Você consegue se livrar de tudo, igual ao seu pai — comenta ela.

Desvio o olhar para que ela não veja minha expressão confusa e acompanho o policial Grant até o lado de fora, agarrando a mochila em meu ombro.

Por sorte, a chuva parou. Continuamos andando até pararmos ao lado do meu carro. Ele se vira para mim, e não faço ideia se vou conseguir responder às perguntas que ele está prestes a fazer, mas espero que não sejam específicas demais.

— Por que não está no colégio, Silas?

Comprimo os lábios e penso na resposta.

— Eu, hum... — Olho por cima do ombro dele para o carro passando. — Estou procurando Charlie.

Não sei se devia ter dito isso. Se a polícia não pudesse saber do desaparecimento dela, com certeza eu teria explicado na carta. Mas a carta só dizia que eu precisava fazer o que fosse preciso para encontrá-la e informar seu desaparecimento parece ser o primeiro passo.

— Como assim está procurando Charlie? Por que ela não está no colégio?

Dou de ombros.

— Não sei. Ela não ligou, não deu nenhuma notícia para a irmã e não apareceu na escola hoje. — Aponto para trás, na direção da casa. — E é óbvio que a mãe dela está bêbada

demais para perceber que a filha desapareceu, então pensei que eu mesmo deveria tentar encontrá-la.

Ele inclina a cabeça, com mais curiosidade do que preocupação.

— Quem foi a última pessoa que a viu? E quando?

Engulo em seco enquanto me remexo, inquieto.

— Eu. Ontem à noite. A gente discutiu e ela se recusou a voltar para casa comigo.

O policial Grant gesticula para alguém atrás de mim se aproximar de nós. Eu me viro e vejo a mãe de Charlie parada na soleira da porta. Ela sai da casa e anda até o jardim.

— Laura, sabe onde sua filha está?

Ela revira os olhos.

— No colégio, onde deveria estar.

— Não está, não — retruco.

O policial Grant continua encarando Laura.

— Charlie voltou para casa ontem à noite?

A mulher olha para mim e depois para o policial.

— Claro que sim — responde.

Seu tom de voz diminui no final da frase, como se não tivesse certeza.

— Ela está mentindo — digo, impulsivamente.

O policial Grant ergue a mão para que eu fique quieto, enquanto continuava fazendo perguntas para Laura.

— A que horas ela chegou em casa?

Vejo a confusão tomar conta do rosto de Laura. Ela dá de ombros.

— Eu a deixei de castigo por ter matado aula esta semana. Então ela estava no sótão, acho.

Reviro os olhos.

— Ela nem estava em casa! — digo, erguendo o tom de voz.
— É óbvio que esta mulher bebeu demais para saber se a própria filha estava em casa ou não!

Ela se aproxima de mim e começa a socar meus braços e meu peito.

— Saia da minha casa, seu filho da mãe! — grita ela.

O policial a agarra pelos braços e olha para a minha caminhonete.

— Pela última vez, Nash. Volte para o colégio.

Laura está se debatendo nos braços dele, tentando se soltar. Ele a segura com firmeza, sem ser sequer perturbado pela movimentação dela. Parece tão acostumado a isso que fico me perguntando se ela já chamou a polícia por minha causa.

— Mas... e Charlie?

Fico confuso por ninguém mais parecer preocupado com ela. Especialmente a própria mãe.

— Como a mãe de Charlie disse, ela deve estar no colégio — diz ele. — De qualquer forma, hoje à noite ela vai ao jogo. Lá nós conversamos.

Concordo com a cabeça, mas sei muito bem que não vou voltar para a escola. Levarei a mochila dos segredos de Charlie

comigo e seguirei direto para minha casa, para encontrar mais segredos.



Silas

Assim que entro em casa, a primeira coisa que faço é parar. Nada me parece familiar, sequer as fotos nas paredes. Fico aguardando alguns segundos, assimilando tudo. Eu poderia procurar pela casa ou dar uma olhada nas fotos, mas já devo ter feito isso. Tenho pouco tempo, e, se quero descobrir o que aconteceu com Charlie — o que aconteceu com *a gente* —, preciso continuar focado nas coisas com as quais ainda não perdemos tempo.

Encontro meu quarto e vou direto para o armário, para a prateleira onde estão todas as outras coisas que juntamos. Espalho tudo na cama, incluindo o que tem dentro da mochila. Enquanto remexo tudo, tento descobrir por onde devo começar. Tem coisa demais. Pego uma caneta para anotar algo que possa ser útil, caso eu esqueça tudo isso de novo.

Sei muita coisa recente sobre meu namoro com Charlie, mas só isso. Não sei quase nada sobre como começamos a nos relacionar ou como nossa família se afastou. Sequer faço ideia se isso influenciou o que aconteceu com a gente, mas sinto que é melhor começar pelo início.

Pego um bilhete endereçado a Charlie que parece ser mais antigo, algo que eu mesmo escrevi. A data é de mais de quatro anos atrás, e é uma das muitas cartas que peguei no sótão dela. Talvez ler algo do meu ponto de vista me ajude a entender o tipo de pessoa que sou, mesmo a carta tendo mais de quatro anos.

Eu me sento na cama, encosto na cabeceira e começo a ler.

Charlie,

Você se lembra de alguma vez em que passamos as férias separados? Eu estava pensando nisso hoje. Que nunca foi somente eu e minha família. Sempre foi meus pais e os seus, Landon, Janette, você e eu.

Uma grande família feliz.

Também acho que nunca passamos nenhum feriado separados. Natal, Páscoa, Dia de Ação de Graças. Sempre estivemos juntos, ou na minha casa ou na sua. Talvez seja por isso que nunca achei que tinha apenas um irmão mais novo. Minha sensação sempre foi a de ter um irmão e duas irmãs. E não consigo me imaginar sentindo algo diferente disso, sem que você faça parte da minha família.

Mas estou com medo de ter arruinado isso. E nem mesmo sei o que dizer, porque não quero me desculpar por ter beijado você ontem à noite. Sei que deveria me arrepender, e sei que deveria estar fazendo tudo para compensar o fato de que devo ter estragado oficialmente nossa amizade, mas não me arrependo. Já faz muito tempo que eu queria cometer esse erro.

Estou tentando descobrir quando foi que meu sentimento por você mudou, mas esta noite percebi que não mudou. O que sinto por você, sendo minha melhor amiga não mudou nem um pouco... apenas evoluiu.

Sim, eu te amo, mas agora estou apaixonado por você. E, em vez de olhar para você como se fosse apenas minha melhor amiga, agora você é minha melhor amiga que eu quero beijar.

E, sim, eu amava você como um irmão ama uma irmã. Mas agora amo você como um garoto ama uma garota.

Então, apesar daquele beijo, prometo que nada mudou entre nós. Apenas se tornou algo a mais. Algo bem melhor.

Ontem à noite, quando você estava deitada ao meu lado nessa cama, olhando para mim, sem fôlego de tanto gargalhar, não consegui me conter. Por tantas vezes você me deixou sem fôlego ou me fez sentir como se meu coração estivesse na boca. Mas nenhum garoto de 14 anos teria conseguido se segurar ontem à noite. Então segurei seu rosto e te beijei, algo que sonho em fazer há mais de um ano.

Ultimamente, quando estou perto de você, me sinto como se estivesse bêbado demais para falar. E nunca senti o gosto de bebida alcoólica, mas tenho certeza

de que beijar você é igual a ficar bêbado. Se for esse o caso, já estou preocupado com minha sobriedade, porque posso muito bem ficar viciado em beijar você.

Não tenho notícias suas desde que você se livrou de mim e foi embora do meu quarto ontem à noite, então estou começando a ficar preocupado que você não se lembre do beijo da maneira como me lembro. Você não atendeu o celular. Não respondeu às minhas mensagens. Então estou escrevendo esta carta caso precise ser lembrada do que realmente sente por mim. Porque parece que está tentando esquecer.

Por favor, não esqueça, Charlie.

Nunca deixe sua teimosia convencê-la de que nosso beijo foi errado.

Nunca se esqueça de como pareceu certo quando meus lábios finalmente tocaram os seus.

Nunca deixe de sentir necessidade de que eu a beije daquele jeito.

Nunca se esqueça de como você se aproximou... querendo sentir meu coração batendo dentro do seu peito.

Nunca me impeça de beijá-la no futuro, quando uma das suas gargalhadas me deixar com vontade de fazer parte de você novamente.

Nunca deixe de querer que eu a abrace como finalmente a abracei ontem à noite.

Nunca esqueça que fui seu primeiro beijo de verdade. Nunca esqueça que você vai ser meu último beijo. E nunca deixe de me amar entre todos os beijos que der.

Nunca deixe, Charlie.

Nunca esqueça.

— Silas

Não sei por quanto tempo fico encarando a carta, mas é o suficiente para me deixar confuso em relação a como essa situação me faz sentir. Confuso em relação ao fato de que, por alguma razão, acredito em todas as palavras da carta, apesar de não conhecer a garota. E talvez eu até sinta um pouco das palavras. Minha pulsação acelera, pois na última hora fiz tudo

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Never Never #2) Nunca Jamais" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).